

Renato Suttana



Indigestos
e
Purgativos

3ª série



Renato Suttana

Indigestos
e
Purgativos

3^a série

2018

Ficha técnica

Título: Indigestos e Purgativos (3ª série)

Autor: Renato Suttana

Todos os direitos reservados ao autor

1ª edição: 2018

Editora: ARS

Local: Dourados-MS

E-mail para contato: arquivosuttana@yahoo.com.br

Capa: J. C. Franco – montagem sobre cena do filme “*O cozinheiro, o ladrão, sua mulher e o amante*”, de Peter Greenaway (1989)

Ilustrações: fotos extraídas da internet

Este livro é distribuído gratuitamente em formato pdf no site do autor.

Reproduções e citações são permitidas somente com a menção da fonte.

Endereço eletrônico da presente publicação:

http://www.arquivors.com/renato_indigestos3.pdf



"Os nossos economistas, os nossos políticos, os nossos estadistas deveriam refletir sobre este resultado sintético da história pátria. Somos um país de sobremesa. Com açúcar, com café, e fumo só podemos figurar no fim dos menus imperialistas. Claro que sobremesa nunca foi essencial."

(Oswald de Andrade, O país da sobremesa)

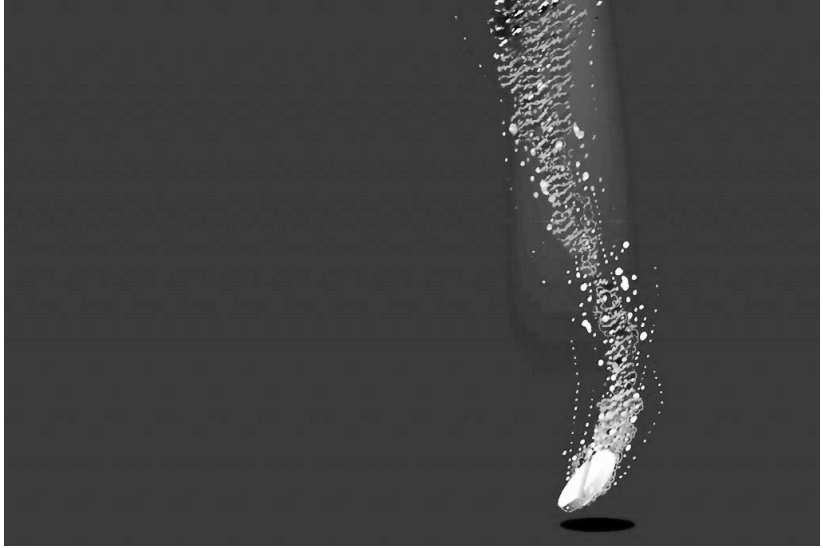
"O Brasil não é um país para quem bebe socialmente, mestre Moacyr Luz, só relendo mais uma vez o Manual de sobrevivência nos butiquins mais vagabundos (Editora Senac). Repare no caso desse playboy Douglas Aguiar, que gozou na cara da sociedade manezinha ao promover uma cerimônia ostentação nada bíblica: pagou para um garçom lavar os seus pés com várias garrafas de champanhe Veuve Clicquot, na praia de Jurerê Internacional, em Florianópolis. O vídeo do ato anticristão, obviamente, viralizou mais que os versículos do apóstolo João sobre a última ceia."

(Xico Sá)

Sumário

I.....	10
II.....	11
III.....	12
IV.....	13
V.....	14
VI.....	15
VII.....	16
VIII.....	17
IX.....	18
X.....	19
XI.....	20
XII.....	21
XIII.....	22
XIV.....	23
XV.....	24
XVI.....	25
XVII.....	26
XVIII.....	27
XIX.....	28
XX.....	29
XXI.....	30
XXII.....	31
XXIII.....	32
XXIV.....	33
XXV.....	34
XXVI.....	37
XXVII.....	38
XXVIII.....	39
XXIX.....	40
XXX.....	41

XXXI.....	42
XXXII.....	43
XXXIII.....	44
XXXIV.....	45
XXXV.....	46
XXXVI.....	47
XXXVII.....	48
XXXVIII.....	49
XXXIX.....	50
XL.....	51
XLI.....	52
XLII.....	53
XLIII.....	54
XLIV.....	55
XLV.....	56
XLVI.....	57
XLVII.....	58
XLVIII.....	59
XLIX.....	60
L.....	61
LI.....	62
LII.....	63
LIII.....	64
LIV.....	65
LV.....	66
LVI.....	67
LVII.....	68
LVIII.....	69
LIX.....	70
LX.....	71
LXI.....	72
LXII.....	73
NÃO DEVEMOS TEMER O FEL.....	76



I

*“Comentarista da Globo demitida sem aviso prévio dizia que reforma trabalhista ‘melhoraria a relação entre funcionários e empregadores’”
(Notícia do Diário do Centro do Mundo)*

Deglutida, eu diria, como um sapo
que tentou cortejar uma serpente
fazendo propaganda, a pleno papo,
da peçonha imperiosa, prepotente.

De outro modo não vejo tal coisinha
que ilustra bem, com um brilho soberano,
a lama “golpe” em que o Brasil patinha —
prestes a entrar por um estreito cano.

Não tenho pois consolo nem xarope
para dar à senhora, que ora entope
quinhão tão irrazoável e aflitivo.

(Aos patos da Paulista — se lhes entre
ainda um laxante no atochado ventre —
sirva o caso de alerta ou purgativo.)

II

“Henrique Meirelles admite aumento de impostos para assegurar cumprimento da meta fiscal”

(Notícia de *O Globo*)

Meu bom e fiel ministro, sempre pronto
a encarecer, com uma arte de larápio,
a janta do povão, perplexo e tonto,
dando gato por lebre em seu cardápio.

Sempre atento aos matizes desta quadra
que nos obriga a chafurdar de borco
e em que a má sorte, como uma onça ou ladra,
vem ao nosso quintal roubar um porco!

Meu agradecimento mais sincero
a quem, sem contorções da glote ou pança,
põe no ato de engolir tamanho esmero.

Seja o meu candidato — o preferido! —,
conforme o tem na imprensa prometido,
para levar adiante a nossa *herança*.

III

Verba volant, scripta manent.

Foi uma torta, um bolo — essa escritura,
em que o latim entrava de permeio,
como um tipo improvável de recheio,
com o branco do Angorá por cobertura.

Foi uma trufa, o sonho de uma vida,
ou bolinho de chuva que fritei
na banha mais solícita da lei,
constitucionalmente derretida

(como depois disseram os togados,
que também têm seu quê de cozinheiros) —
tão ilustre missiva!, que há de entrar

para os anais da história constipados:
ou docinho, ou bombom capaz de dar
inveja aos mais afeitos confeitheiros.

IV

“E muita coisa isso. Me da uns dias que vou fazer contato para que o DD entre nessa negociação”

(Mensagem de Whatsapp divulgada por Rodrigo Tacla Duran, advogado da Odebrecht)

Dum-dum, doce de coco, dopamina,
disparada de potro, doida peta,
como se um duende desse na buzina
ou Deus jogasse dados com o capeta.

Desando de quem dorme na latrina
depois de um ricto ou diluvial careta,
de um demente que em dobro desatina
num dúbio *pas de deux* ou carrapeta.

Vade retro! E há quem entre no negócio,
com bênçãos de pastor ou de mandrake
(se não for o Chifrudo o grande sócio)!

Muita coisa! — até mesmo para um craque
que, como eu, no furdunço anda curtido
e em dar pares à dança, destemido!

V

“O senador José Serra (PSDB-SP) ficou bastante abatido com os documentos apresentados pela Odebrecht ao Conselho Administrativo de Defesa Econômica (Cade) em que são apontados esquemas de cartel em São Paulo.”
(Notícia de *Veja*)

Abatido, eu diria, em pleno voo,
como um velho marreco em migração
ou garça depenada, cujo entoo
o caçador desmancha com um rojão.

Diz que o seu leite um tanto se azedou
e se tornou inviável a eleição?
(Ou é que o embrulho, de que não tratou,
já o priva de sua ávida porção?)

Triste chegar assim ao seu ocaso
quem tanto deglutiu e prometeu,
e depois mergulhou em poço raso.

Suspenda, enquanto é tempo, essa corrida
e, por não ir ao diabo e ao beleléu,
faça dieta e modere na comida!

VI

“A Justiça brasileira demora 24 anos para prender Maluf, enquanto demora 6 dias para ler 250 mil páginas contra Lula!”

(Meme do Facebook)

Leria muito mais e sem preguiça,
pois em questões de urgência é desenvolta
(se o tema a faz coçar); mas corta a volta
e dorme, quando o assunto é só justiça.

Tem no estômago (embora não pareça)
uma espécie de molho que derrete
facilmente um jumento, com a charrete
(ou outra coisa grande que apareça).

Justiça ou britadeira, ou só martelo,
vê no Brasil um prego, e há de batê-lo
mesmo que a tábua rache fatalmente.

Assim funciona, em terra tropical
a ideia da *presteza*, judicial,
que aqui, por índole, jamais se mente.

VII

“... acusado de usar caixa 2 na campanha, Fernando Holiday se diz perseguido por ser negro e gay”

(Notícia do Diário do Centro do Mundo)

Mexironga, que eu não almoçaria
nem depois de um jejum de mês e tanto,
vem agora, por nosso enorme espanto,
dizer-se perseguido — e bem podia!

É comida estragada, eu vos garanto,
que não salvam tempero e especiaria,
por mais que borde em ouro a fantasia
e por mais que o disfarce um belo manto.

Ejetá-lo seria de preceito
num bueiro bem profundo e generoso,
sem tradicionalismo ou preconceito. —

É o que prescrevo, em caso tão premente,
em que a ejeção se impõe regularmente,
e qualquer outro alvitre é dispendioso.

VIII

“Ministro da Justiça critica índios e diz que ‘terra não enche barriga’”
(Notícia da *Folha de S. Paulo*)

Esse — escolhido a dedo — é porta-voz
dos meus mais insondáveis pensamentos
que não confio à indiscrição dos ventos
e só revelo aqui comigo, a sós.

Comer terra? É loucura que não faço
(embora encha a barriga a muita gente —
mas disso é que não trata o experiente,
que anda a jogar mais longe o seu braço).

Prefiro a boa mesa do Alvorada
e o bom vinho, aprazado no barril —
ou o dedinho de pinga bem cortada.

Que os índios comam terra não me importa,
até porque tal coisa não entorta
a gorda economia do Brasil!

IX

*“Ao menos 13 políticos da lista de Fachin foram às ruas ‘contra a corrupção’”
(Notícia do Uol)*

Se fores à indigesta passeata,
toma conta do bolso e da carteira
e não exibas de qualquer maneira
a tua joia, mesmo que de lata.

Se fores à amaríssima passeata
esconde a moeda dentro da algibeira,
guarda o colar, os brincos e a pulseira
e o teu topázio — de nefelibata!

Protege bem a chave do teu carro
e o teu santinho (embora de pau oco),
e o outro, de ouro (que tem os pés de barro).

Guarda-os. E vai às ruas externar
essa ansiedade que te dá sufoco
e esse prurido que te faz coçar.

X

“Gilmar Mendes entrega proposta de adoção do parlamentarismo”
(Notícia do *Estadão*)

Um que trabalha assim diuturnamente,
que não sofre preguiça do projeto,
que devora o seu naco por decreto,
sem medo de nadar contra a corrente;

um cujo lema é só *seguir em frente*,
levando a sério a ideia do trajeto,
como se o mundo fosse o seu coreto —
e a verdade o seu brinco, o seu pingente;

um que — qual na canção (que nos anima) —,
quando cai, se levanta e, sem fadiga,
sacode a poeira e dá a volta por cima;

um que a chuva não vence, e o sol não para,
e o dia acende e a noite mais instiga:
com um carvalho, um mogno em sua cara!

XI

“Em São Paulo, quase metade dos juízes que recebem auxílio-moradia têm propriedades na capital paulista. Um deles, o campeão, tem 60 imóveis em seu nome. No Executivo, ministros milionários do governo Michel Temer recebem ajuda para morar e para comer.”

(Trecho de notícia da *Folha de S. Paulo*)

Ajeite-se na lei, seria o lema;
vista a norma conforme o figurino.
treine-se para a lei desde menino,
vendo nela o seu único problema.

Não durma de botina em seu sistema,
mas se acomode à regra por destino;
faça da norma o seu biscoito fino,
o seu assunto e o seu principal tema.

Nasça para isso, seja o especialista,
o curtido no assunto, o modelado,
o bem talhado, o exímio *conformista*.

Faça da lei seu prato, seu talher,
coma-a como um jantar bem preparado
e engorde nela enquanto a fome der.

XII

“Vaquinha virtual para ajudar Lula a custear os processos que vem enfrentando na justiça dallagnólica, sem provas e convicta.”

(Do autor, no Facebook)

Para pagar os custos dessa feira
uma vaquinha só não é o bastante:
cumpre juntar ao fabular montante
um boi talvez, ou a boiada inteira!

A ampla fome que vem do sul, gritante,
não liga para cerca nem porteira:
quer ir logo ao assunto, à comedeira,
atenta sempre ao que *é mais importante!*

Para pagar seus custos já não basta
pedir trocados à bondade alheia,
porque a coisa é do sangue: vem da casta.

Está no gene e dói como um espinho
no estômago e na tripa, que não freia
e não coloca entrave em seu caminho.

XIII

“Recessão e desemprego derrubam inflação e devolvem poder de compra aos brasileiros”

(Thaís Heredia, na *GloboNews*)

Se disseres que um bolo repartido
por dois, onde deviam comer três,
é uma forma exemplar de liquidez,
dirás meia verdade, num sentido.

Convém acrescentar (pois, desnutrido,
ao teu pensar lhe falta robustez)
que o sabor se aprimora a cada vez
na boca do faminto ou preterido,

porquanto, para quem devorou nada,
parecerá a parte sonogada
tão atrativa, saborosa e bela,

que vale a pena até *matar* por ela —
o que, a meu ver, corrige o entupimento
do teu falível e ávido argumento.

XIV

“Os desembargadores do TRF são pessoas absolutamente sérias e eles podem confirmar ou reformar a sentença.”

(Sérgio Moro)

Sérios, exceto quando, antes de ler,
já dão seu veredicto, peremptórios,
como se fossem falastrões, simplórios,
adivinhos do vento e do qualquer.

São certamente sérios, a não ser
quando julgam o incerto, exhibitórios,
preguiçosos de letra e papelórios,
que andam volúveis (sérios) a esquecer.

(Diga-o aquele que, da velha Espanha,
mandou recado incrível ao Congresso,
que logo o deglutiu, com tripa e banha.)

Nisto são sérios, acredito, e firmes,
de uma firmeza que não faz recesso
e não aceita dietas nem regimes.

XV

“Tem que manter isso, viu?”

(Michel Temer)

Há que manter a coisa funcionando,
como se fosse a uretra de um bebum:
sem distração ou preconceito algum,
mas num afã constante, formidando.

Há que manter o caldo cozinhando,
sem ignorar ou dispensar nenhum
contributo e sem medo do fartum
desse truque ou feitiço se exalando.

Não vejo alternativa — e assim o disse
ao Joesley na platônica garagem,
desatento à midiática intrujice.

Há que manter (uretra ou intestino)
tudo isso funcionando: uma engrenagem
da qual depende o cívico destino.

XVI

“*Eu já prolatei a sentença...*”

(Sérgio Moro)

Prolatou, prolatiu, parolatóu.
De onde vem essa verve ora me escapa;
mas não sou eu que rasgarei a capa
para ver se algo embaixo se guardou.

Angústia ou fome tal já me tomou
numa ocasião em que tentei, sem mapa —
saltando cerca, espinho, brasa, trapa —,
ter certa proeminência nesse *show*.

Hoje guardo o meu nobre repertório
para ocasião mais própria, que o demande,
até porque mingou meu auditório.

É o que aconselho ao ínclito em questão,
para que sua sopa não desande
e não talhe sua mágica poção.

XVII

“Já há na Câmara projeto do vereador Fernando Holiday (DEM) para tirar o nome de Marisa Letícia do viaduto.”

(Trecho de notícia de *O Globo*)

Tirar o nome, sem tirar a coisa,
como quem drena o pus de uma ferida,
como quem coça a pança agradecida
depois de alguma janta vigorosa.

Tirar tudo, a não ser — vertiginosa —
a ampla fome de *tudo*, que revida,
que dá sentido ao curso de uma vida,
tingindo-a de uma nuance cor-de-rosa.

Eis o que recomendo a quem, toldado,
sem respeito ao bom senso e à inteligência,
vive em interminável feriado.

(Se é inútil o xarope da prudência
nunca lhe falte ao menos, no jantar,
um purgativo firme, cavalari!)

XVIII

“O ministro da Saúde, Ricardo Barros, e sua equipe fizeram um serão no fim de 2017 para liberar quase meio bilhão de reais em recursos a centenas de municípios no penúltimo dia do ano. A edição do Diário Oficial de sábado, dia 30 de dezembro, teve 74 páginas, todas elas com portarias da pasta.”

(Trecho de notícia de *O Globo*)

Fizeram mutirão ou piquenique,
mas eu prefiro acreditar que foi
só patuscada ou janta nada chique,
em que até o fim se devorou um boi!

De outro modo não sei interpretar
tal empenho e um prazer assim tão novo
de fazer hora extra, a se esfalfar,
engolindo o feriado do Ano Novo!

Levem-se pois mil *vivas* ao valente,
que converteu seu gabinete em *templo*
e em sacerdócio as dores do expediente!

Bravo! Setenta páginas de exemplo! —
Um feito, uma façanha incomparável,
mesmo para um estômago maleável.

XIX

“Desembargador que irá julgar suspeição de Moro declarou ‘amizade crescente’ em livro”

(Notícia do site *Lula.com.br*)

O magistrado, o tio, o conselheiro,
o designado, o primo, o promotor,
a sogra, o filho, o desembargador,
o foro, a irmã do amigo, o faroleiro,

o ministro lá em cima, o mutreteiro,
o juiz, os pares, e o corregedor —
tais são, formando em longo corredor,
os grandes astros desse galinheiro.

(Eu é que lá não vou, não me apresento,
não dou ao convescote familiar
senão meu incentivo, de incremento.

Mas não descarto a ideia, acalentada,
de servir-lhes um dia, no Alvorada,
farto, presidencial — régio jantar!)

XX

“A palavra fraude vai ficar como tatuagem na biografia de todos os que participaram dessa conspiração.”

(Marcelo Lavenère, ex-presidente da OAB)

“Fraude”, bem certamente, não discuto, que outro nome não leva. (Mas aquele achou melhor lavrar na própria pele meu sobrenome — insólito produto.)

“Fraude”, como se um diabo resoluto, que exorcismo nenhum sana ou repele, invadissem pelo ânus a alma imbele, chegando ao cerne do mental reduto.

“Fraude” só, desde a língua até ao reto, desde o esôfago à ponta do intestino, desde a garganta ao ponto mais secreto —

que é (conforme suspeito) o material com que hão de produzir, num desatino de esgoto a cloaca, a indigestão geral!

XXI

“É quase como se fosse a OAS um laranja do Lula.”
(João Pedro Gebran Neto, desembargador)

Quanto ao Lula não sei, mas de quem fez
tão valente e atrevida afirmação
(tão cheia de sustança e pretensão)
só o que posso dizer é: “Satisfiez!

Encheu todas as panças de uma vez
com o suco da laranja que o garção
espremeu na amaríssima sessão
com solércia, sistema e sisudez!”

Locupletar-se! Dar-se uma laranja!
Ser a laranja, cuja casca embute
a polpa da avidez, que nada esbanja!

De outro modo não vejo quem no enfado
de quatrocentas páginas deglute
seu próprio sumo — em laudas derramado!

XXII

“Moro é um magistrado talentoso e brilhante.”

(Victor Luiz dos Santos Laus, desembargador)

Não sei para onde vai esse navio
doido, vogando ao léu da correnteza.
Talvez não tenha medo de surpresa,
talvez persiga algum sonhado fio.

Só o que sei é que, num extravio,
vai levando o seu fardo de dureza
(ou de obtusão, conforme a natureza),
por mares de mistério e de desvio.

Se depare lá adiante algum rochedo,
algum atol de espanto e indigestão,
que Deus guarde o seu trêfego brinquedo!

Vê, madame, se tem sentido e altura
entrar em tão precária embarcação —
se paga o preço a impávida aventura.

XXIII

“Se levada ao limite, esta ‘teoria’ autoriza até cassar o eleitor que votou num político posteriormente flagrado como ladrão. Afinal, o sujeito que apertou o botão na urna foi o responsável por colocar um meliante no posto onde cometeu os crimes. Tinha que saber que era delinquente, ora, bolas.”

(Joaquim Xavier, colunista do *Conversa Afiada*)

A única teoria que eu aprovo
é aquela em que um sujeito (aqui chamado
de *delinquente*) cospe redobrado
sobre o bestunto do eleitor (um ovo).

O resto é só perfume — almiscarado,
ou coisa mais olente, que não provo,
mesmo quando aborrido e empanzinado
de algum suave decreto (que desovo

quando me dá na telha). O único ponto
de vista que reputo pertinente
é o da *ejeção* ou *cuspe*, com que conto

educar o idiotismo do eleitor
(cuja inércia, de autômato insistente,
me entroniza e me põe sobre um andor).

XXIV

“Desembagrinhos ressuscitaram o domínio do fato”

(Paulo Henrique Amorim)

Os desembargadores, bem cevados,
cumpriram a contento o seu papel,
girando lá, naquele carrossel,
entre ventos contrários, levantados.

Foram, incluso, muito ovacionados
por mais de um comilão neste quartel
e por quem vai comer do seu farnel,
agora ou nos futuros ignorados.

Desembagrinhos, os desenxabidos,
magros, deram no entanto para o gasto,
enchendo a pança dos mais afligidos. —

Não os leve a corrente em seu arrasto!
Fique deles ao menos a memória:
um traço ou cheiro nos anais da história!

XXV

“Não sei como Deus me colocou aqui, diz Temer em pronunciamento”
(Notícia do UOL)

Deus também há de ter suas razões,
cujo segredo fundo não pondero.
Mas tenho às vezes certas comichões
de achar que Ele exagera no tempero.

Por exemplo: é de crer que nessa treta
influiu conselho obscuro, improcedente
ou dúbio, daquele outro, o da corneta,
que se dá liberdades de parente.

Provável. E, se um anjo resmungou
com protestos de “agora desandou!”,
prevaleceu por certo a voz do Chefe.

(Como aqui, neste mundo, onde também
rolamos tontos entre o bife e o blefe,
levados de roldão pelo vaivém.)

XXVI

“Passou a vida ouvindo grampo... um dia, acordou assim, coitado!!!”
(Bessinha, cartunista, sobre Sérgio Moro)

Louvo os desenxabidos desbridados,
cediços, aluviais *desembagrinhos*,
que, evoluindo de rãs a passarinhos,
cantam a cantilena dos salvados!

Louvo as notas e os trinos enlevados
com que adoçam as penas nos caminhos
e as penas, claro, desses pavõezinhos,
com seus rabos de bagres emplumados!

Mas que digo? Ou são peixes ou são aves,
ou cururus, embora o cantochão
sugira bichos de rom-rons mais suaves.

Louvo a sua arte, louvo o seu feitiço!
(E agora me ocorreu uma aflição
de ir à latrina vomitar tudo isso...)

XXVII

“Que tipo de república de bananas é esta?”
(Geoffrey Robertson)

Questão que ainda nos cumpre deslindar
é saber se a República respira:
se depois de cozida em alta pira
resta ainda alguma carne por assar;

se vale mesmo a pena descascar
tamanha fruta ou se é só de mentira,
enfeite que uma velha já retira
da mesa, pondo um prato no lugar.

Resta saber se é coisa de substância,
capaz de encher o bucho de um coitado
que se nutriu de brisa desde a infância. —

Eis pois o que proponho ao advogado:
saber se é conveniente, se é bacana
dar ao povinho mais que uma banana.

XXVIII

*“Voto de Gebran tem mais de 400 páginas”
(Notícia de O Antagonista)*

Desenxabidos, mas voluntariosos,
prontos sempre a cantar a algaravia
de alguma fabular democracia
que só existe em seus trinos judiciosos.

Desenxabidos, porém valorosos
no jogo de esforçar-se, noite e dia,
para encher a gamela ou a bacia,
sem medo à língua dos mais rancorosos.

Magros por fora, e gordos lá por dentro —
daquela obesidade do pensar
que se ceva dos nadas do momento.

Desempluminhos — pássaros profusos,
cuja vida se gasta em recitar
canções de pejo e pudibundos usos.

XXIX

“Estava lá na sala e vi, o promotor-chefe do caso sentado ao lado do relator. Fez seu almoço ao lado dos juízes e, depois, ainda teve conversas particulares com eles. Isso é uma postura totalmente parcial, isso simplesmente não pode acontecer numa corte.”

(Geoffrey Robertson)

Mas acontece, e até frequentemente, aqui por estas bandas, onde o trato manda que almoce e jante toda a gente com os juízes — gesto afável e cordato.

Para que preocupar-se com o recato, quando a etiqueta impõe, tão docemente, que inclusive se fartem num só prato o juiz, o deputado e o presidente?

(Quem não se lembrará daquele *affair* em que o juiz, no intervalo da merenda, devorou um processo até o final?)

Comer na mão, no prato ou de colher — tais são (que um estrangeiro não entenda) as regras da etiqueta nacional!

XXX

“A verdade é bem outra: não fossem os agrotóxicos, 90% de nós nem estaríamos vivos.”

(Kim Kataguri)

Só com muito agrotóxico, por certo,
e outras artes da ciência ou da magia
que não declinarei (pois dão-me azia),
capazes de enflorar todo um deserto.

Só com o reforço disso, cujo aperto
há de caber na mente de uma tia
(que também em tal química se fia
e anda a bradar seu lema a céu aberto).

Não vejo outra maneira de explicar
um pensamento assim tão singular,
que me provoca espasmos e pruridos.

Estarmos vivos hoje — e não comidos
por insetos, aranhas ou roedores —
é milagre, meu caro, dos maiores!

XXXI

“Quem responde por crime tem que ter participado dele. E, para ter participado, alguma coisa errada ele fez.”

(Victor Laus, desembargador)

Alguma coisa errada a gente faz
de vez em quando, mesmo que só seja
pôr no bolo uma espécie de cereja
com que a tua sapiência se compraz.

(E agora não me ocorre se é por trás
ou pela frente que a razão despeja;
mas conto, enquanto o dia ainda viceja,
não ter de descascar teu ananás.)

Valha-me Deus! T tamanha agilidade
e uma tão insuprível ansiedade
deslocam uma vida do seu centro!

(Mas com tempero até que a gente empurra
ao menos uma parte para dentro:
a isto denominando *encher a burra*.)

XXXII

“Politicamente, contudo, há um ponto crítico e alguma decisão deverá ser tomada: ou o PSDB desembarca do governo na Convenção de dezembro próximo, e reafirma que continuará votando pelas reformas, ou sua confusão com o peemedebismo dominante o tornará coadjuvante na briga sucessória.”
(Fernando Henrique Cardoso)

Uma e outra coisa eu aconselharia
e até mesmo o contrário, pois convém,
ou outra alternativa, que ninguém
ainda adivinha ou — mágico — anuncia,

mas que, plausível, no cordão se enfia
(pois comer devagar, a cada dia,
de ambos os lados me parece bem,
mesmo com o risco de futura azia).

O que não me parece pertinente
é *não comer*, conforme o vão preceito
do dietismo esmaecido e adolescente.

Isto eu não aconselho nem receita,
sábio que sou em artes de abocar,
de morder, de engolir, de ingurgitar!

XXXIII

“E pode um candidato denunciado concorrer, ser eleito, à luz dos valores republicanos (sic), do princípio da moralidade (sic) das eleições, previstos na Constituição? Eu não estou concluindo (sic). Mas são perguntas que vão se colocar (sic).”

(Luiz Fux, “sics” de Paulo Henrique Amorim)

Se pode um candidato denunciado
(*sic*) concorrer e ser eleito, à luz
de algum valor que (*sic*) foi devorado
por quem todos os dias os produz

ou engole; e se pode, já apagada
a *lux* (*sic*) dos princípios da moral
(*sic*) pelos quais o diabo paga nada,
ele que em tal assunto é maioral

(não o sabes?); e se a Constituição
(*sic*) em que tudo outrora se previa
e agora já não serve ao rigodão

(que dispensa libreto, pauta ou guia) —
são perguntas que (*sic*) também coloco,
mas como um ovo alheio, que não choco.

XXXIV

“Tá buzinando por quê, seu merda do cacete? Não vou nem falar, porque eu sei quem é... é preto. É coisa de preto...”

(William Waack, jornalista)

Meu caro, em tais momentos a vontade
é de ir lá e morder esse estrupício,
esse *merda* que faz o seu comício
frente ao altar da nossa santidade;

de ir lá e perguntar ao estouvado
(embora com linguagem menos chula)
por que atrapalha, com tamanha bulha,
a digestão de um sábio empanzinado!

Coisa de jornalista (que não sou,
pois me falta o talento) e *do cacete*,
como o dizes — que ao público vazou.

O desejo, em tais horas, é de carga,
de ir lá fora e estampar com um ferrete
a cara do estupor, que nos embarga!

XXXV

“Hoje, os togados (ainda...) estão claramente blefando. Para constatá-lo, basta ver que grande parte dos votos dos três desembargadores no infame 24/1 foi dedicada à defesa do verdadeiro réu naquele dia: o Judiciário.”
(Romulus Maya)

A missão nobre de desembargar
(que é também da garganta e do intestino),
fazendo o Judiciário funcionar
como um laxante suave, peregrino,

não se engastalha nem quando, leonino,
se põe o verme interno a trabalhar,
pedindo *mais*, conforme o seu destino,
que é de ingerir, crescer e prosperar.

Assim pois se resumem as centenas
de páginas que lá, no dia histórico,
se dedicaram, hábeis, às camenas.

(E de modo não sei mais categórico
como se explique a situação em tela,
diante da qual meu cérebro congela.)

XXXVI

“Se a prisão de Lula poderá ocorrer dentro de um ou dois meses, é recomendável que se confisque o passaporte dele.”

(Ricardo Noblat)

Mais um que recomenda (e vai comendo,
e vai enchendo o bucho, divagante,
com avidez discreta, mas constante,
cujo estilo porém não recomendo),

nesta época atrevida e algo estafante
em que a moderação vai se encolhendo
enquanto a pança cresce, entumescendo,
com um frouxo à-vontade, impressionante.

Antigamente havia uma etiqueta,
uma norma ou acordo que mandava
comer muito, mas sem fazer careta.

Hoje é isto que se vê por todo lado:
um gosto displicente, debochado,
e uma rudeza que não sofre trava!

XXXVII

“Encontro de Temer e CEO da Nestlé revela interesses na privatização da água no Brasil”

(Notícia do *Brasil de Fato*)

Fui aqualouco mergulhar na tina.
Fui em busca da insólita aventura.
Fui em busca do soro, da vacina,
do remédio, do antídoto, da cura!

Fui buscar a safira, a turmalina,
o tesouro do rei, com a escritura.
Fui beber da corrente cristalina
e acender meu farol em noite escura.

Fui em busca do Pi, da Coisa em Si,
do patuá, do cachimbo do saci:
fui procurar as Índias, o Outro Lado.

Fui levar meu recado ao capitão.
Fui gordo, fui alegre, fui danado:
fui pôr água no leite do povão!

XXXVIII

*“Dona Marisa Leticia estaria viva esperando fuga de Lula na Etiópia”
(Fake news do site Pensa Brasil)*

Chega um instante em que um empanzinado
perde um pouco o sentido da verdade
e, já quase a tombar na saciedade,
expele gás, sufoca e cai prostrado.

O excesso de avidez dá ao coitado
um doido aspecto de insalubridade
e uma aura de delírio, de ansiedade,
com que me espanto às vezes, intrigado.

Não sei se existe cura, se há mezinha,
se há cataplasma, ao menos, de avozinha
que dê fim a tamanho entupimento.

A mim, que ando cansado de artificios,
só me resta pensar: “Mais orifícios!
Mais furos — é o que falta a este momento!”

XXXIX

“O juiz federal Marcelo Bretas utilizou sua conta no Twitter para defender o direito a acumular o recebimento de auxílio-moradia com a esposa, também juíza Simone Bretas: ‘Pois é, tenho esse ‘estranho’ hábito. Sempre que penso ter direito a algo eu VOU À JUSTIÇA e peço’, disse.”

(Lead de notícia do Diário do Centro do Mundo)

Eu também, eu também VOU À JUSTIÇA
quando se trata de comer primeiro
(vede o *impeachment* da Dilma, justiceiro),
tirando disto um lema que me atija.

Quem, por ingenuidade ou por preguiça,
acha que o chefe manda no terreiro
e a ele recorre como a um curandeiro,
preste atenção à imemorial premissa!

Congratulo-me pois com esse augusto,
com esse egrégio que, no estado da arte,
de tudo nos recorda o preço e o custo —

pois nos poupa carradas de imprudência
e mil fadigas com que a inteligência
lida tão mal ou de que vê só parte.

XL

“Amor, Ordem e Progresso”

(Lema de Hans Donner para a bandeira do Brasil)

Tanta coisa eu poria antes de “amor”,
que talvez não coubesse numa faixa;
mas vamos ver se tua ideia encaixa:
se vale o sacrifício de a propor.

Teu suave degradê, teu furta-cor,
a resguardar no centro a azul bolacha,
fazem pensar que, fosse de borracha,
a bandeira teria outro valor.

Lembraria melhor, assim moderna,
na ereção de otimista, prolongada,
o flexível de dentro, a goma interna —

que é mais da nossa idade: já ofuscada,
cujo tição antigo hoje é fumaça
e de “ordem e progresso” já não passa.

XLI

“... quem levou a Ministra Cármen Lúcia ao Supremo foi o presidente Lula, que seguiu ‘conselho’ de Sepúlveda Pertence...”

(Paulo Henrique Amorim)

Os termos *gluttonia* e *gratidão*
nunca foram sinônimos, entendo:
um quer o fausto, a boa digestão;
o outro vai como pode: se espremendo.

Um quer a coisa toda, já estendendo
sobre a mesa um olhar de capitão;
o outro... só sobrevive, ou vai vivendo,
conforme a sorte manda e os deuses dão.

Um se submete às injunções do *estômago*
(como outrora diziam); e o outro aguenta,
com a ponta do espinho no seu âmago.

Um mata o bicho, o verme que o devora;
já o outro é um trapo, um pobre que demora
na fila da assistência, enorme e lenta.

XLII

“Moro falou num ‘ato de ofício indeterminado’ – o que é isso?”
(Flávio Dino)

A escritura? A escritura o juiz comeu.
(Se não comeu, podia ter comido).
O ato de ofício? O fogo o derreteu.
(Se não, podia bem ter derretido.)

Se foi, se achou, se quis? Não se mexeu.
(Mas pode muito bem ter se mexido.)
Se gostou do que viu, se não vendeu?
(Bem pode ter comprado, ter vendido.)

Importa é que este juízo se esbaldou,
saboreando o seu favo, o seu bocado,
sobre o prato da lei, que o prodigou.

(Ou, se não se esbaldou, fique assentado
que ainda se esbaldará – quando houver azo,
até porque tal fome não tem prazo.)

XLIII

“Cientista japonês cria carne a partir de fezes humanas”
(Notícia do site *Forum.Cifraclub*)

Espanta-me que a inédita receita
tenha sido inventada lá no Oriente
e não aqui, onde se espreme a gente,
mal se firmando sobre tábua estreita.

Nesta época incendiária, refervente,
em que mandar o país para a sarjeta
é ideal extremo da comum empreita,
vem o cientista e toma-nos a frente!

Triste. Mas ocasião não faltará
de contribuir com a ciência que aí está,
propondo aos sábios mais uma barbada:

que é ensinarmos aos gringos a alquimia
de ejetar a nação numa bacia
e comprá-la depois — reprocessada!

XLIV

“A principal notícia de hoje é afirmação da presidenta do STF, Cármen Lúcia, de que o órgão se apequenaria se debatesse agora a regra da prisão após segunda instância. Porque isso beneficiaria Lula. A ministra falou isso num rega bofe organizado pelo site Poder 360, que não tem uma publicidade sequer (...)”

(Renato Rovai)

Não se apequenaria: engordaria;
e então, se fosse o caso, já cansado,
pendendo sempre para o outro lado,
como um bebê novinho, dormiria.

Tenho certeza de que engoliria
todo um touro, cozido ou mal passado,
para manter o espírito atilado,
fugindo às aflições da anorexia.

Apequenar-se implica reduzir,
perder volume em conjuntura farta
de apostas que não param de subir.

Se fizesse uma dieta, se cuspisse
a salada-jargão com que se enfarta,
aí sim pode ser que *diminuísse!*

XLV

“Este juízo jamais afirmou, na sentença ou em lugar algum, que os valores obtidos pela Construtora OAS nos contratos com a Petrobras foram usados para pagamento da vantagem indevida para o ex-Presidente.”

(Sérgio Moro)

Coisa com que o bestunto não atina:
um juiz engolir toda a acusação
e depois vomitá-la na latrina,
na forma de não sei que decisão.

E mais: aproveitarem a poção
(tal como o japonês que foi à esquina
buscar no esgoto o cerne da proteína
com que quer reforçar o seu surrão)

para fazer um tipo de alimento
(ou gênero, talvez, de complemento)
que enche a pança até o ponto do fastio.

Só desse modo explico a tal sentença,
que vai atravessando, sobre um fio,
de uma a outra margem, caudaloso rio.

XLVI

“É possível discordar da Justiça, mas é inadmissível desacatá-la, diz Cármen Lúcia”

(Notícia do *UOL Política*)

Concordo. A própria lei é inadmissível
quando se trata de ajeitar o mundo,
de dar a ele um contorno mais rotundo
ou um aspecto ao menos apazível.

Tudo fica de fato inaceitável
se a coisa não se curva como um lombo
ou como o balãozinho que Colombo
inflou outrora com vigor notável.

Disso ninguém discorda. E até no entrudo
vale a regra, que o sábio não contesta
e frente à qual o tolo fica mudo.

(É mandar-lhes, portanto, uma missiva
com mensagem bem clara, decisiva,
de quem não veio para empate ou festa!)

XLVII

“Que Fernando Henrique durma sossegado: não vai ser necessário trocar o povo brasileiro por outro que ele consideraria ‘mais qualificado’.”

(Marcos Coimbra)

Glutão com G maiúsculo, eu diria,
que, não fosse a velhice em que naufraga
(com mais de oitenta em sua enorme draga),
um futuro de glórias merecia

ou uma janta lauta, ao menos, paga
pelo erário, conforme a ordem do dia,
ou algum doce “auxílio-moradia” —
que o meu mais suave devaneio afaga.

Nada de “vou dormir neste celeiro,
traga-me um cobertor”; mas isto, um raio:
trocar o eleitorado brasileiro!

Levar a urna somente a quem se afana,
metendo a mão bem fundo no balaio,
e sabe manejar a traquitana!

XLVIII

“STF se apequenou faz tempo”

(Kennedy Alencar)

Muita gente comeu da gororoba
que o juiz de Curitiba preparou.
Diria eu mesmo: e dela se fartou,
adquirindo-a por quilo ou por arroba.

Agora, quando a náusea se anuncia,
seria de esperar que se atirassem
à latrina e do bolo se alviassem,
livrando-se do fardo, à luz do dia!

Mas não: preferem ir, de alma pagã,
aos rega-bofes chiques pedir *mais*,
como se não houvesse um amanhã!

(Glutões de tal calibre não se emendam,
mesmo quando as razões que o recomendam
são — mais que sanitárias — capitais!)

XLIX

“Eu vou fazer uma coisa que você faz às suas colegas de trabalho: eu vou passar um dinheiro para você.”

(Michel Temer, no programa Sílvia Santos)

Vou te dar uma afago, Sílvia Santos.
Vou te dar cinquentinha de presente,
e depois mais uns poucos, mais uns tantos,
para que então me chames presidente.

Depois vou ao Ratinho, penitente,
pedir não sei que esmola para uns santos:
vou lá vender meu saco de quebrantos,
que o público há de achar algo mordente.

Direi ao vento a minha pregação
de leiloeiro ou (mais certo) cozinheiro,
que se coze ao cozer a refeição.

Entre um e outro sorriso contrafeito,
darei meu bolo a quem só quer dinheiro,
com uma piscadela de confeito.

L

“O presidente Michel Temer deve disputar a reeleição se der certo a articulação em curso, no Palácio do Planalto e no Congresso, para constituir uma aliança partidária a fim de ‘defender o legado do governo’ em 2018.”
(Raymundo Costa, no *Valor Econômico*)

Não sei quem mais delira: se o proscrito
que teve tal ideia (maltratada
a inteligência, e a mente já bloqueada),
ou se quem pôs a coisa por escrito.

Penso no caso e não concludo nada,
sem saber se descreio ou se acredito,
muito embora no fundo ache bonito,
pois apimenta um pouco a patuscada.

Há tanto sebo nessa sopa densa
que ousou dizer: Karl Marx andou errado
vendo na religião o ópio do povo.

De modo algum: tal ópio vem da imprensa,
que a cada dia traz um susto novo
e põe novo tempero em seu guisado!

LI

“Carmen deu declaração contra Lula em jantar com representantes da Shell”
(Notícia do 24/7)

Jantar — esta palavra que me excita,
que me faz entender a conjuntura:
que põe na minha mente uma fartura
de pensamentos cúpidos, e a incita,

gerando nela uma energia aflita
(uma vontade de saltar da altura,
de agarrar um leão pela cintura)
que não teme o desastre, que *acredita!*

Mesmo por tão inóspita senhora
(que em nada lembra aquela, a recatada,
a do lar — cuja chama nos melhora)

sou capaz de sentir um entusiasmo:
um desejo de fogo, de escalada,
de explodir, na *frisson* do iconoclasmo!

LII

“... se os assinantes sumiram, como sobrevivem os jornais impressos e digitais? Ora, da viúva! As burras públicas sustentam esse festival de ódio, baixaria, mentiras e de golpes no Brasil.”

(Esmael Morais)

Que as burras — com seus úberes magníficos,
com suas tetas grandes, generosas —
jorrem sempre em torrentes impetuosas
sobre a boca dos santos, dos beatíficos.

Louvo-as, como excelências admiráveis
e raras da nossa época bicuda,
em que a sorte se esquiva e não ajuda,
na sucessão dos dias imprestáveis.

Mas basta de oração, basta de léria,
e ataquemos a mesa, antes que o diabo
nos prive da suavíssima matéria:

passemos aos trabalhos da razão,
que é de estado (se cabe no lavabo)
ou do bucho (se é boa a digestão).

LIII

“Por que ela nunca jantou com líderes sindicais, líderes populares e jornalistas ligados às mídias alternativas???”

(Afrânio Silva Jardim)

Mamata, mamadeira ou marmelada —
é o que todos desejam nesta vida,
mesmo que a alma resulte apequenada
ou a honra se esfrangalhe na descida.

É o que andam a pedir desde a partida,
desde o útero da mãe, pobre coitada:
mais sardinha no prato, agradecida,
mais ases para o mando da rodada!

E o resto seja a inútil metafísica
das perguntas que nascem orfãzinhas
e morrem, no final, de frio ou tísica.

Digo-o sempre: melhor ir logo ao prato
e amar somente as bem traçadas linhas,
que têm valor mais claro, mais exato.

LIV

“Bolsonaro sugere metralhar a Rocinha para resolver guerra na comunidade”
(Notícia do *Último Segundo*)

A enorme boca às vezes não se aguenta
e vai com o mundo inteiro se indispondo,
como se mastigasse uma pimenta
ou tivesse engolido um marimbondo.

Haja recheio para tanta empada
ou corda para tanta acrobacia
(que, se a coisa não for regurgitada,
há de acabar em colossal azia)!

Recomendo prudência e laxativo
e muito sal de fruta a quem se abanque
a entrar de indez nesse jogral festivo.

(Que aliás me lembra aquele barco antigo
onde os doidos vogavam, de castigo,
com fogo igual e — creio — igual arranque.)

LV

“A República pode ser uma ideia estranha para a casta, assim como o é o conceito de escassez de recursos. Não raro, magistrados concedem direitos, para si ou outros, que extrapolam a capacidade orçamentária dos governos.”
(Trecho de editorial da *Folha de S. Paulo*)

É como se uma vara de leitões
se pusesse a mamar numa só teta,
fazendo cada qual sua pirueta
em busca das melhores posições;

ou como se um enxame de zangões,
depois de firme pacto com o capeta,
fosse dançar a sua carrapeta
sobre a nossa janela, aos encontrões,

pedindo entrada na quitanda ou ninho
por festejo ou porque lá fora o frio
anda matando mais de um passarinho.

Enfim: como se as crias, com o leite,
devorassem a mãe, num desvario —
por enfado talvez, ou por deleite.

LVI

“O auxílio-moradia é pago indistintamente a todos os magistrados e, embora discutível, compensa a falta de reajuste dos vencimentos desde 1 de janeiro de 2015 e que, pela lei, deveriam ser anualmente reajustados.”

(Sérgio Moro, em reportagem de *O Globo*)

Nesta hora é que eu queria ser também
o juiz dessa comarca, o maioral,
o mandachuva, o galo do quintal,
o que não leva afronta de ninguém!

Poria em meu guisado o principal,
sem escutar razões de quem não tem:
mas mandando ir bater no tribunal
desde o avozinho à cega com neném.

Seria o bigodudo, o espalha-brasa,
o bicudo, o valente, o risca-faca,
o que leva um tição debaixo da asa!

Que digo? Expediria um ultimato,
seria o capo, o dono da catraca,
o divo, o Stone, o rei do espalhafato!

LVII

“Finalmente o PSDB encontrou o seu estilo: o Caldeirão do Huck”
(Emir Sader)

Encontrou seu estilo ou, como queiras,
o seu lugar à mesa, disputado
com ganas de quem busca um eldorado,
vencendo solavancos e canseiras.

De grão em grão encheu sua panturra
como um peru cevado que afinal
havemos de abater pelo Natal,
porquanto a sorte o favorece e empurra.

Se acabará num grande caldeirão
não sabemos, porém é procedente
supor que encontre lá nova ração.

Social e democrata em deglutir,
não sei por que se deva restringir
quando chegue à cozinha finalmente.

LVIII

“Fosse o Brasil um lugar minimamente justo, a Fux seria imputado crime de responsabilidade e decidido seu afastamento sumário de qualquer função judicial. Mas não. Colunistas mervalianos e gasparistas, a grande mídia e ‘juristas’ de aluguel celebram a excrescência.”

(Joaquim Xavier, colunista do *Conversa Afiada*)

Excrescência, excremento ou o que seja,
importa ver que embaixo da peruca
se esconde uma alma simples, mixuruca,
mas firme em perseguir o que deseja.

Eis o mais relevante. E, se lá esteja
um cérebro ou somente uma cumbuca,
ou trocadilho de quebrar a cuca,
é pastosa a matéria que despeja —

assinando, conforme a situação,
papeladas de dar engulho às traças,
tingidas com uns laivos de razão.

(Conforme o mostra o auxílio-quero-o-meu,
que, custando bem mais do que fumaças,
empanzina até quem não o comeu!)

LIX

“O cidadão brasileiro está cansado da ineficiência de todos nós, e cansado inclusive de nós do sistema judiciário. Por mais que tentemos, e estamos tentando com certeza, temos um débito enorme.”

(Cármen Lúcia, presidente do STF)

Mas eis que chega a turma do funil,
com seu grosso gargalo e seu incrível
estilo de engolir, que eleva o nível
da farra, embora baixe o do barril.

Vêm como alegres comensais de abril
(daquele abril antigo, inesquecível,
em que Cabral louvou, com aprazível
olhar, as belas coisas do Brasil).

Eis que chega a turminha, ribombando,
batendo o seu tarol e o seu zabumba,
num ímpeto sublime, formidando.

(Não sei se é samba, tango, mambo ou rumba
o que provém da caixa e da corneta,
mas ouço a barulheira: de trombeta!)

LX

“Quem diz que o magistradinho de piso é digno de debater com Lula? Terá que comer ainda muita sopa.”

(Eugênio Aragão)

Entupir-se de sopa certamente
não é problema para uma criatura
que não teme alargar sua cintura,
conforme o impõe nossa época valente

(mesmo que seja só um “magistradinho”
de piso — ou da cozinha —, como o dizes,
até porque também aos aprendizes
cumpre recomendar o bom caminho).

Para quem sempre soube comer *tudo*
(e hoje vai aos Esteites ganhar prêmio
pelo dano causado ao seu patrão),

entupir-se de sopa é só o proêmio
de algum enfartamento mais agudo,
já sem rival na história da nação!

LXI

“Presidente: Muito boa noite, Reinaldo. E muito prazer em falar com você, que é uma pessoa importantíssima. Prazer.

Jornalista: Olha aí, eu combinei, eu falei isso para o presidente: presidente, eu preciso pedir um aumentozinho para o Jonny, o senhor pode me fazer um elogio no ar? Depois chego lá e falo: olha, patrão, fui elogiado pelo presidente (...)”

(Trecho de entrevista concedida por Temer à Rádio BandNews FM)

Somos milhões de Cunhas — já dizia
aquela frase lá, de antigamente,
quando o povo, tomado de fervente
pirose, foi bradá-la à luz do dia!

Quantos milhões não sei, na freguesia;
mas em número grande o suficiente
para encher todo o mundo de poesia
quando a oportunidade se apresente.

De Cunhas licenciosos e inspirados,
que, depois de um trabalho tão perfeito,
sabem pedir ao chefe alguns trocados.

(Com rico estilo e humor, conforme o jeito
da raça, que Buarque analisou
e Freyre longamente interpretou.)

LXII

“Esse Brasil exultante com as ações contra a corrupção e indiferente à ocupação de sua Presidência por uma declarada quadrilha de corruptos.”

(Janio de Freitas)

Mordendo, mastigando, deglutindo
é que — suponho — um dia chegaremos
à junção derradeira dos extremos,
num círculo completo se reunindo.

Não deixando farelos, mas cumprindo
todo o roteiro de que ora não vemos
o sentido e de que não percebemos
a extensão verdadeira se expandindo,

cumpriremos um arco, o amplo circuito
de ter comido desde a raiz aos ramos,
o diâmetro importante assim fechando

desta pizza, pastel, empada ou fruto
ou torta ou grande bolo a que chamamos
de país, num rico prato se ofertando!

SOBREMESA

“Jucá – Você tem que ver com seu advogado como é que a gente pode ajudar. (...) Tem que ser política, advogado não encontra (inaudível). Se é político, como é a política? Tem que resolver essa porra... Tem que mudar o governo pra poder estancar essa sangria.

Machado – Rapaz, a solução mais fácil era botar o Michel (Temer).

Jucá – Só o Renan (Calheiros) que está contra essa porra. 'Porque não gosta do Michel, porque o Michel é Eduardo Cunha'. Gente, esquece o Eduardo Cunha, o Eduardo Cunha está morto, porra.

Machado – É um acordo, botar o Michel, num grande acordo nacional.

Jucá – Com o Supremo, com tudo.

Machado – Com tudo, aí parava tudo.

Jucá – É. Delimitava onde está, pronto.”

(Trecho de diálogo entre o senador Romero Jucá e Sérgio Machado, ex-presidente da Transpetro, gravado e divulgado pela Polícia Federal)



(Manifestante tenta comer bandeira de partido em São Paulo)

NÃO DEVEMOS TEMER O FEL

A política apresenta fartura temática desde sempre. Mas a política nacional de uns tempinhos para cá vem exagerando na dose, conforme se lê nos veículos jornalísticos “mais populares” ao publicarem uma quantidade impressionante de fatos e versões, de acordo com sua linha editorial ou com as moedinhas pagas pelos governos por sua propaganda, capazes de enlouquecer qualquer leitor, mesmo os mais atentos.

O painel é tão amplo e as versões dos fatos tão articuladamente produzidas que todos suspeitamos de que nossos políticos andam se esquecendo de pôr na ordem do dia alguns valores, como ética, moral, compromisso com a verdade e trabalho desapegado, valores caros a todo servidor público.

Para além da classe jornalística, os humoristas aproveitaram para desvelar esses prolongados dias canídeos por meio do riso. Nesse caso, não é um homem a morder um cão que vira notícia; de modo inverso e bastante usual é o cão (político) a morder o que ainda resta de carne no homem (cidadão) que merece nota satírica.

Outro grupo que não se aliena, expondo o sem sentido sofrível e risível da atual política brasileira, é o dos literatos que mescla, por vezes, as qualidades de um bom jornalista com as de um bom humorista a fim de produzir um mapeamento das absurdidades cometidas contra a coisa pública. E, convenha-

mos, seria bastante inusitado, dentre diversas possibilidades expressivas da literatura, que um escritor optasse pela forma clássica do soneto. Sim? Ou não? A resposta de Gregório de Matos seria não. A resposta de Renato Suttana também é não.

Renato Suttana, poeta radicado em Dourados-MS, por ser um artista das letras com verve, variados talentos e recursos técnicos, vivendo o hoje desses tempos bicudos (e caninos), comprova com seu livro *Indigestos e purgativos* que a poesia satírica expressa pelo bom e velho soneto de linha clássica é, sim, capaz de abordar os senões da odienta, digo, da hodierna política tupiniquim. O livro, publicado em dezembro de 2016, de modo despretensioso, utiliza-se de trechos de notícias veiculadas à época, tendo o foco no “golpe de estado” de então, como motes desenvolvidos nos sonetos. Opa, e o risco de ser uma obra datada?

O risco de o autor ter escrito uma obra datada se desfaz um ano depois, porque praticamente todos os seus sessenta sonetos, em dezembro de 2017, reverberam: os nomes, os sobrenomes, as ações e as situações repetem-se ou desdobram-se de forma idêntica. Logo, o misto de riso e dor, infelizmente, conserva-se análogo. Legislativo, Executivo, Judiciário e seus apaniguados permanecem vivíssimos em lambanças passadas e presentes, alimentando-se com o comezinho de sua insaciável sordidez. Do jeito que o Brasil caminha — e capenga! —, parece que Suttana vai se eternizar nesses sonetos.

Interessante ainda ressaltar que, em nota introdutória, o autor previu que seu livro na condição de poesia quase nada poderia fazer para sensibilizar as pessoas perante tragédias sociais tão agudas, mas teria sucesso ao caçoar dos golpistas, mesmo que melancolicamente, e ao conseguir despertar a consciência crítica de alguns de seus leitores.

Asqueroso no tema: politicalha, papa-fina no desfecho: sonetos comprometidos com a denúncia social e com a boa literatura, *Indigestos e purgativos* não apenas desopila o fígado, como também alegra a alma. Leiamos, pois, os sonetos de Renato Suttana para manter os dentes à mostra e o sistema digestório saudável, apesar dos pesares.

Henrique Pimenta

ARS

Copyright © Renato Suttana, 2018

www.arquivors.com

endereço eletrônico da presente publicação:

http://www.arquivors.com/renato_indigestos3.pdf





RENATO SUTTANA nasceu em 1966 na cidade de Barbacena (Brasil). Professor universitário, escritor e tradutor, publicou livros de poesia e ensaios, entre os quais *Bichos* (2005), *Bichos imaginários* (2013), *Rapinário* (2015) e *Quando me abriram portas* (2016).

Tem poemas incluídos em coletâneas e revistas literárias do Brasil e de Portugal.

Mantém na internet o site
“O Arquivo de Renato Suttana”.

